

3ª SessãoDebate sobre a Reforma do Ensino de Língua Portuguesa
na FALE/UFMG

Coordenador: Prof. Carlos Maciel da Cunha

Participantes: professores e alunos dos cursos de Língua Portuguesa
da Fale - turno da manhã

Ao se iniciar a sessão, um aluno solicitou ao coordenador do debate que fosse feita uma breve exposição acerca do assunto que motivaria as discussões. O próprio coordenador tomou a palavra.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Basicamente, a reforma teve início em dezembro de 1979 e partiu do seguinte. Era dada aos alunos uma determinada quantidade e qualidade de matéria, especialmente gramática, com um número muito extenso de itens gramaticais e um enfoque especificamente teórico. Nós achávamos que se aprendia muito sobre a língua e que se aprendia pouco a língua. A partir daí, nós, professores de português, nos reunimos, com a participação de alunos, no final de 79 e ao longo de 80. Diga-se de passagem que o interesse dos alunos pelas reuniões ficou aquém do que se esperava.

A reforma consistia no seguinte: insistir no uso da língua - Estudo de Texto, Redação, Expressão Oral, Gramática Implícita, antes de insistir na Gramática explícita. Isto, nos quatro primeiros semestres da Faculdade, obedecendo a uma gradação. Essa foi a intenção básica da reforma.

Há dois anos que estamos trabalhando com ela. É evidente que a nossa realização não foi tão límpida e tão clara quanto a nossa intenção, mas é justamente para analisarmos esse ponto que estamos

aquí. É para avaliarmos o nosso trabalho que nos reunimos formalmente agora. Trata-se de uma ótima oportunidade para vocês, alunos, julgarem o trabalho que vem sendo feito.

Aluno

Do pouco contato que tenho mantido com a turma, eu pude colher a impressão de que todos sentem a parte teórica da gramática prejudicada. Um semestre é pouco para se ver, por exemplo, além das outras áreas, todo o conteúdo de Morfologia.

Prof.^a Júnia M^a C. Passos

Nós reconhecemos o curto espaço de um semestre frente ao extenso programa, mas, a cada início de curso, nós deixamos bem claro para o aluno que a leitura da teoria gramatical é toda ela feita fora do período das aulas, e que essas são ocupadas com o posicionamento crítico diante daquilo que já foi lido. Ao aluno, de acordo com o nosso esquema de trabalho, é dada a chance de rever os conceitos básicos da gramática. A nossa tarefa é a de aguçar o espírito crítico do aluno frente ao que ele lê, ao que ele recebe de informação.

Aluno

Eu penso que esse ponto relativo à insuficiência do material teórico dos cursos pode-se prender à fragmentação em áreas: Expressão Oral, Estudo de Texto, Redação e Gramática. Falta-me a explicitação do que se pretende com isso e também se os objetivos pretendidos têm sido alcançados.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Quanto ao que se pretendeu, eu posso esclarecer. Levando-se em conta a insuficiência de prática da língua com que os alunos chegam à Faculdade, pretendeu-se dar a eles três ou quatro semestres de emb

samento prático, e não teórico. Se nós o alcançamos ou não, é outra questão.

Aluno

Nós temos reclamado, quase em conjunto, da perda de tempo com o semestre de Língua Portuguesa do Curso Básico. Achamos que o conteúdo ali desenvolvido não nos acrescenta nada, mas, quando levamos esse problema ao conhecimento do professor, ele nos alega que a heterogeneidade dos alunos em cada turma não lhe permite avançar como desejaria. Eu proponho então que se estude a possibilidade de se implantar pelo menos um semestre de adaptação para aqueles alunos que não tenham obtido boa média na prova de português do vestibular, como forma de se atingir o nivelamento esperado.

Prof. Hugo Mari

Eu concordo com a afirmação da colega ao dizer que o Curso Básico, de uma certa forma, reflete uma perda de tempo, e vejo isso como um embrutecimento dos alunos.

Se se confere à nossa disciplina, no Ciclo Básico, o título de ESPECÍFICA, não há por que tratarmos de generalidades, como vimos fazendo nas áreas de Texto, Redação e Expressão Oral. Dessas generalidades as outras disciplinas, mais especializadas, tratam com mais competência.

Eu penso que o Ciclo Básico, no caso, a nossa disciplina específica, que tende a inaugurar o aluno dentro do seu curso profissional, deveria colocar problemas relevantes em relação à linguagem. Parece-me que isso não acontece. O esquema de estudo de texto parece já ter saturado os alunos, pois é o mesmo utilizado no 1º e no 2º grau de ensino. E assim acontece nas demais áreas de estudo. Por isso, eu considero esse semestre uma espécie de piquenique acadêmico.

Acabamos incidindo, a meu ver, numa insuficiência do ponto de vista teórico e prático.

Aluno

Eu pediria que essa questão da prática fosse esclarecida. O que se quer dizer com essa expressão prática da língua ? Eu penso que no estudo da teoria existe também uma prática. Enquanto estudantes de português, qual seria a nossa prática adequada ? É uma questão, a meu ver, relevante.

Aluno

Uma das práticas de uso da língua desenvolvida no Ciclo Básico, e que julgo de suma importância, é a da Expressão Oral, não devendo, pois, ser suprimida. Essa área, para mim, não é bem cuidada no 1º e no 2º graus.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Voltando à questão inicial, a do tempo, eu estou tentando relacionar o que se debateu na mesa-redonda de ontem com o que vem sendo dito hoje. Ontem surgiu uma idéia que me parece fecunda: se a questão é tempo, eu acho que podemos estendê-lo legal ou ilegalmente.

Prof. Orlando Bianchini

Eu acredito que as coisas estão se afunilando em determinados pontos, dentre os quais eu ressaltaria dois de maior importância. Um é o que o Carlos acabou de frisar e que diz respeito a nosso tempo, que é ridículo. O outro dado, já arrolado por um aluno, a todo momento aflora, de uma forma ou de outra, ou seja, o fato de que nenhum programa, nenhuma atividade vai atender igualmente aos alunos de uma mesma turma. O depoimento que o Hugo deu sobre o Ciclo Básico me parece um depoimento válido e deve ser válido porque ele viveu isso.

O problema maior que enfrentei nos 2 ou 3 anos em que locionei no Ciclo Básico foi que o programa que eu desenvolvia atendia, na realidade, à grande parte da turma. Havia, entretanto, uma meia dúzia de alunos que se via prejudicada, para quem o programa era fraco. Se quisermos ser honestos, devemos estudar a possibilidade de não seriarmos todo mundo por uma base indistinta de 1º semestre, 2º semestre, etc. Deve haver a possibilidade de uma abertura para atender às necessidades e às exigências de cada aluno. O fato é que podemos fazer grupamentos mais rentáveis, mais operacionais, vamos dizer assim. Nós temos de armar, para isso, toda uma política de Departamento, de Setor, de pessoal, muito séria e muito coesa para trabalharmos produtivamente.

Aluno

Eu acho muito interessante a colocação do Bianchini no seguinte sentido. Está-me passando pela cabeça que está surgindo uma vontade de adequar os cursos à realidade do aluno, ao invés de forçá-lo a se enquadrar num programa "empacotado". Há algo que me preocupa muito dentro disso aí que é a postura dos alunos e professores. Eu vejo, por exemplo, professores muito liberais com uma prática muito autoritária na sala de aula, fazendo, inclusive, o aluno se sentir incapaz de cumprir determinadas atividades.

Aluno

Está sendo colocado aqui, com bastante ênfase, o problema do tempo. Mas eu acho que não se trata só disso. Há algo mais importante e que deve ser mencionado. Para mim, o conteúdo específico, a parte de gramática está ficando para trás, está perdendo campo por causa das outras áreas. Como vem sendo desenvolvido o conteúdo negte semestre, a gramática tem sido prejudicada.

Aluno

Eu gostaria que as cadeiras de Língua Portuguesa se dedicasse sem especificamente à gramática, pois o pouco tempo que sobra para esse estudo é insuficiente, pelo menos para mim. Não que eu dê menos importância às outras áreas, elas também deveriam continuar sendo oferecidas, mas separadamente, distintas do programa de gramática.

Prof. Orlando Bianchini

Eu sinto, neste momento, que o ideal seria fundar uma faculdade para cada um, tendo em vista a multiplicidade de problemas que vêm surgindo a cada momento. A meu ver, voltamos, mais uma vez, aos problemas da escassez de tempo e da heterogeneidade das turmas. Se nós tivéssemos, aqui na Faculdade, condições de receber esta massa do vestibular e desmassificá-la, diagnosticando as turmas, colocando professores-orientadores à disposição de grupos restritos de alunos, creio que grande parte dos problemas desapareceria. Não é por falta de boa intenção que incorremos nos erros, mas por força do sistema, que nos impede de realizar planos que, provavelmente, seriam bem sucedidos.

Aluno

O que eu sinto faltar aqui na Escola é um maior entrosamento professor-aluno. E é por essa falta de entrosamento que o professor não pode avaliar adequadamente o aluno. A avaliação não deveria basear-se só em provas, mas num contato do professor com as atividades diárias dos alunos.

Prof. Hugo Mari

Há um nível de detalhamento muito grande que nós teríamos de discutir em outras reuniões para que o nosso trabalho fosse mais produtivo. O problema central de tudo que vem sendo discutido aqui é

que nós não estamos levando em conta o que o aluno é capaz de fazer, mas simplesmente o que ele é. Se ele entrou para a Universidade, ele tem o direito de avançar, de produzir algum conhecimento.

Prof. Orlando Bianchini

A fala do Hugo me parece extremamente lúcida, mas eu volto a protestar contra o problema de se colocar determinadas coisas em dois ângulos diferentes: uma é simplificar dizendo que nós temos de produzir de acordo com que o aluno é; outra é dizer que ele tem capacidade para. Eu acho que ele tem capacidade para, desde que nós forneçamos a ele condições de desenvolvê-la. Essas condições não são, absolutamente, pegar o aluno e dizer: você tem capacidade - vá e faça.

Aluno

Eu tenho receio de que, como as coisas caminham, haja o perigo de perda da realidade mais imediata, ou seja, da noção do que acontece no presente. Eu penso que não deve haver um apego excessivo ao programa, ainda que ele seja bem pensado, bem elaborado. Deve, sim, haver uma adaptação constante do programa a cada aula, a cada situação em que for aplicado, a cada turma. Seria desejável que este clima de crítica estabelecido aqui neste debate se estendesse às nossas aulas, para que tenhamos a garantia de avaliação constante. Não devemos deixar nunca que o presente escape das nossas mãos.

Aluno

Eu peço licença para defender o tipo de ensino que vem sendo oferecido aqui na Escola depois da reforma: um ensino para a maioria. Nós, que não tivemos chances de frequentar bons colégios, que temos de dividir o nosso tempo entre a Faculdade e um emprego, somos a maioria. Portanto, o ensino deve nos atender primeiro. Os demais,

a minoria, têm de ter paciência e se sujeitar a ver conteúdos que já estudaram antes, porque foram privilegiados. Eu reconheço que a situação é penosa para o professor, mas com muito trabalho seu e cooperação por parte do aluno eles conseguem levar sua tarefa adiante.

Prof^a M^a Sueli de O. Pires

Eu queria deixar claro para os alunos que há, da parte dos professores de Língua Portuguesa aqui da Faculdade, uma disposição constante de discutir com os alunos, em qualquer ocasião, seja nas reuniões mensais do Setor, abertas a todos os interessados, seja em situações esporádicas, como, por exemplo, em reuniões convocadas pelos alunos. Este é um dos compromissos firmados por nós quando da implantação da Reforma, em dezembro de 1979. E, na medida do que nos tem sido exigido, vimos cumprindo o que nos propusemos. Eu sugiro, pois, que vocês, alunos, formem uma comissão permanente de contato com o corpo docente para avaliação constante dos programas do nosso Setor e das condições em que são aplicados, como forma de garantir o prosseguimento desse diálogo tão profícuo que teve início aqui hoje.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Como a sugestão da colega me parece boa e, pelo que pude perceber, agradou à maioria dos alunos aqui presentes, estarei, a partir de agora, à disposição de vocês para ajudá-los na composição da lista que constituirá a comissão do corpo discente.